

A LONGA ESPERA NA



Os beijos-de-pau incorporaram a seus hábitos, sem demora, alguns dos confortos da civilização. Beirão, à esquerda, achou ótima a rede de

RIO ARINOS



Esta é a segunda e última parte da narrativa do repórter Hedyll Valle Jr. sobre o encontro da Expedição Peret com os índios beijos-de-pau na região do rio Arinos, Mato Grosso. Depois que os jornalistas da expedição se despediram dos beijos-de-pau, Peret permaneceu em seu posto avançado, à espera de que os índios adquirissem mais confiança nele e em seus companheiros. Na semana passada, finalmente, Peret foi convidado a visitar um aldeamento dos beijos-de-pau — o que significa, segundo as escassas informações que pôde transmitir pelo rádio, que esses curiosos antropófagos ocasionais (V. FeF n.º 438) estão dispostos a reconciliar-se com os brancos.

Texto de HEDYL VALLE JR.
Fotos de WALTER FIRMO
(Enviados especiais)

Quinta-feira, 22

Às quatro, acordamos com o galo e o café. Não houve quebra-torto, tivemos a crise do mingau. Seu Zé se aborreceu com Peret, que dera ordens a D. Edna. Ela se aborreceu com todo mundo porque, na véspera, dois ou três não comeram mingau. Seu Zé dizia que ia embora. Reclamava que Peret lhe dera ordens de não falar nada, só para ficar com as glórias. "Nós ficamos até nus nos primeiros dias. Éramos cinco e recebemos, de uma vez só, 63 índios. Agora ele chega e vem com essa de pacificar."

Tirando o disse-me-disse, Seu Zé era um bom sujeito. Forte, alto, saudável nos seus 57 anos, era baiano. Foi seringueiro, soldado, policial. Chegou ao Mato Grosso "vindo no estilo de conhecer o lugar e a vida também". As ordens de Isaías Apolinário, dono da fazenda, tinham sido claras; Peret, como representante da FUNAI, passava a ser o chefe, pois a autoridade da FUNAI é absoluta.

Outro problema por causa da gripe: deixei o forno e fiquei no solar (como chamávamos a choça). Os índios queriam entrar, não deixávamos e eles se irritavam. Não



NA
TERRA DOS
BEICOS-DE-PAU
2

dormir, que os índios não conheciam. Cavalinho Bravo, à direita, adotou o chapéu de palha.

Peret e alguns índios partem em busca do aldeamento d

entendiam a explicação mímica de "doente", achavam que era apenas "dormir" e dormir eles também podiam. *Cicatriz* (tinha o corpo marcado por quelóides, feitas a dente de quati e isso lhe conferia certa autoridade sobre os outros, autoridade que usava com parcimônia, só mesmo quando faziam muita desordem) resolveu divertir-se às minhas custas: esfregava o dedo no nariz e imitava o barulho, rindo muito. Todos os índios passaram a fazer isso e a gripe virou galhofa.

Alguém se lembrou das vacinas, 200 doses, que trazíamos do Rio dramaticamente, de geladeira em geladeira. Mas, além de o gelo do isopor ter virado água quente, quem convenceria um índio a receber a picada da injeção? Depois de todos os esforços, era melancólico descobrir que não iriam servir para nada.

Furou a bola, apareceu outra. Entre os presentes para os índios (cobertores, roupa, panelas, pratos, canecas, facas, facões, machados, fósforos, espelhos) havia uma sortida de bolas. Ficamos com duas e só. Mesmo furadas, nossa quota não iria a mais que duas bolas. Era justo. Os índios, principalmente Caçador, *Cicatriz* e *Cri-Cri* (pequenino, uns oito anos, dentuça, que ganhou esse apelido por ter cara de grilo) participavam das peladas. A cabeçada e a matada no peito provocavam gargalhadas e eles não tinham coragem de tentar.

Não veio mais ninguém hoje. Repete-se a catação de palha. Ontem à noite disseram nomes de peixes e estrêlas, mas durante a pescaria não havia gravador nem papel. Ficaram apenas *murlu*, a Lua, *canditi*, estrêlas em geral, e *Ará*, o Sol. Fora isso, já se sabe — e usamos essas palavras com frequência — que *agum* é "mais", "de novo"; *aru* é "ir embora"; *ondinis* é "vamos"; e *irá* é a unidade. Por exemplo: quatro para eles seria como se nós contássemos, mostrando nos dedos: um, um, um, um. *Irá, irá, irá, irá*.

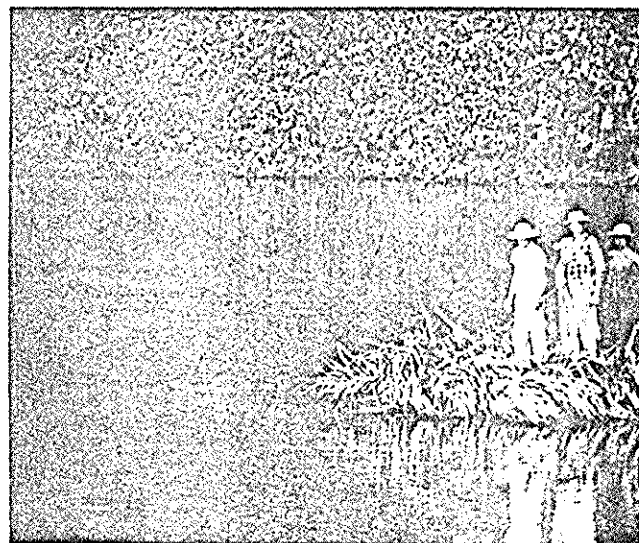
Os caçadores voltam com uma bela presa

O trabalho é monótono e repetido. Agradá-los, trocar coisas. Aprender, anotar, gravar. Tudo se arrasta, é muito lento. Eles mesmo ficam inquietos e pedem licença para derrubar colmeias, andar de barco, catar palha, fazer alguma coisa. Como nós, os enviados da tribo querem agradar. Vieram, guerreiros-diplomatas, manter contatos de paz com a nova tribo dos desconhecidos-peludos. Tendo, entretanto, comida fácil — farinha com arroz é a glória — relaxam na caça e na pesca. Imaginamos que dar tudo a eles pode, com o tempo, acabar até com a vontade de viver, torná-los, aí sim, preguiçosos. Por enquanto, trabalham muito, às vezes até sem necessidade.

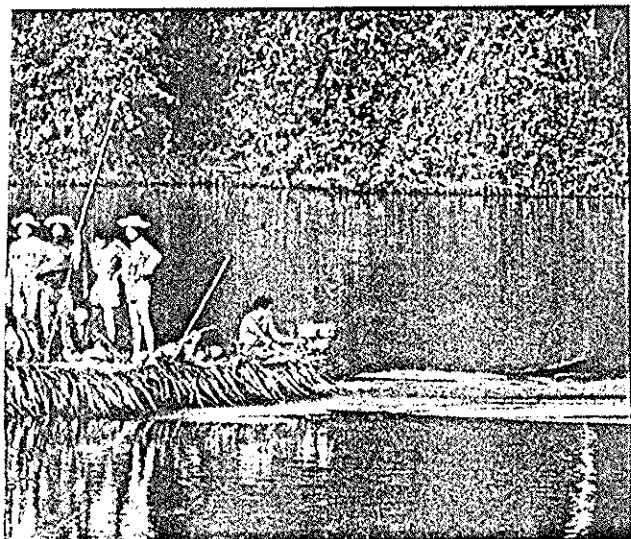
Traidor, a essa altura, só andava de roupa e chapéu e não se dava bem com os outros índios. Se todos aprenderam a nos saudar com um "Tudo bem?" e o polegar levantado, *Traidor* também dizia "Lua no-

NA TERRA DOS BEIGOS-DE-PAU

2



os beijos-de-pau



Um grupo de índios e brancos volta com palha para os telhados (acima). À esquerda, o índio Maharishi.



As crianças dos beijos-de-pau são transportadas numa faixa que as mães levam a tiracolo o tempo todo.



Peret (consultando o mapa), Fritz (de camisa aberta) e Mário. Este e Peret conseguiram chegar à maloca.

va", "farinha", "comer", "peixe", "motor". Seu Zé não gosta muito de Keneri, que vive metido na cozinha, onde come, separado dos seus.

Antes do jantar, brincamos de roda, com velhos, crianças, adultos, mulheres, todo mundo. Riam muito e tivemos de intercalar muitos miasus extras. Num deles, o Maharishi quase arrancou a orelha de um jornalista com seu inseparável facão. Ficou encabulado. Encostou a cabeça à do jornalista, deu uma fungada. Um gesto de carinho valendo como pedido de desculpas. À noite, jogamos escravos-de-jó com caixas de fósforos e eles deliraram, pedindo mais, mais.

Quando a Lua ia caindo saiu uma turma para caçar. Era a chance de pararmos de comer peixe.

Sexta, 23

Lá pelas sete voltaram os caçadores. Traziam uma anta. A perspectiva de se comer carne é animadora e nos dedicamos a cortar batatas para fritar. Maharishi, o comilão-mor, parte para a anta, tentando defender um pedaço antes da hora, mas é bloqueado por brancos e índios, todos querendo uma divisão justa. Na véspera, Peret dissera que, se trouxessem uma anta, não poderia partir rumo à maloca, pois os índios ficariam comendo o dia inteiro. Mudou de idéia. Achava, de manhã, que levando carne salgada para a viagem, o pessoal iria mais animado e mais rápido, sem ter que parar tôda hora para caçar.

"Sair com eles até o Padre Calleri saiu"

Prepararam uma matula de farinha, arroz, mandioca e os quartos dianteiros da anta. Lá se foram Peret e Mário, filho de Seu Zé. Com eles Maharishi e família, Moreira e família e Mia Farrow, a viúva.

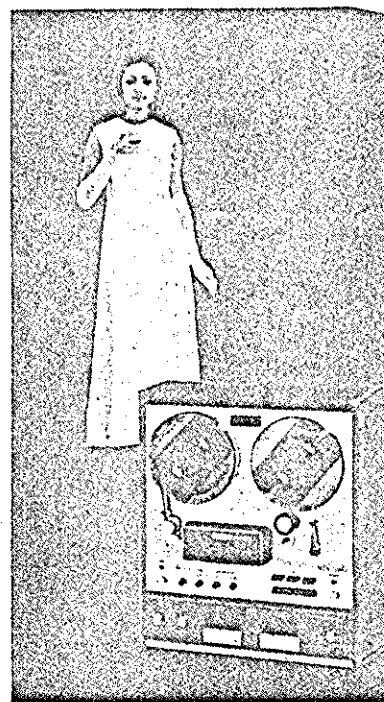
— Se fizer meu filho de isca eu quero só ver — disse Seu Zé.

— Sair com eles, até o Padre Calleri saiu. Quero ver é chegar lá — comentou Pará.

— É cedo ainda — advertiu Fritz — está se precipitando.

Mas agora nada adiantava. A Expedição Peret nascera de uma comunicação dos donos das terras. Eles são os maiores interessados em que se determine logo quantos são os índios e a área exata da reserva. Só assim a FUNAI desinterditará as terras contíguas e eles poderão voltar em paz aos seus seringais e roças. Os proprietários insistem em que só há 80 índios, mas, pelo nome, conheci trinta; de vista, uns sessenta; e Mário conseguia identificar uns duzentos diferentes.

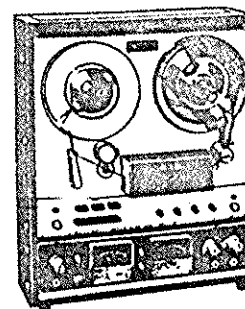
A impressão geral era que, mesmo sendo indispensável a ida à maloca para instalar um pôsto da FUNAI, Peret estava mesmo forçando a situação. Sua pressa podia trazer problemas. Peret dera o prazo de três a cinco dias para estar de volta. Se não chegasse, comunicaríamos ao Rio e a Cuiabá, mas ninguém iria procurá-lo. Só depois de uns quinze a vinte dias é que sairia o Fritz, de calção, desarmado, com vários índios, à sua procura. Ao clima de tensão normal, somavam-se agora o suspense da viagem de Peret e o tédio da



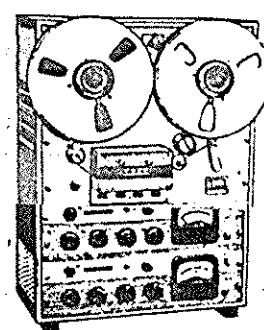
Orgulhosamente apresentamos no Brasil, a famosa Técnica TEAC.

Fidelidade - Versatilidade - Perfeição

Som brilhante em todas as nuances
Só TEAC tem:



TAPE DECK STÉREO
4 cabeças - 3 motores
2 velocidades:
7-1/2 e 3-3/4 ips
Resposta de frequência:
7-12 ips 30 a 20,000 Hz
3-3/4 ips 40 a 14,000 Hz
Flutuação: 7-1/2 ips 0,08%
3-3/4 ips 0,12%
Relação sinal ruído: 65 dB
Reversão automática de reprodução
Tensor especial para:
fitas de 2,400 e 3,600 pés
110/220 volts, 50/60 ciclos.



GRAVADOR PROFISSIONAL
4 cabeças - 3 motores
Velocidades:
15,7-1/2 e 3-3/4 ips
Flutuação:
15 ips: 0,08%
7-1/2 ips: 0,12%
3-3/4 ips: 0,15%
Resposta de frequência:
30-18.000Hz - 3 dB (15 ips)
Equalização NAB standard IEC
Relação sinal ruído:
60 dB (2 e 4 pistas)
110/220 volts, 50/60 ciclos

quem sabe... sabe!...
o que isto representa...

A Técnica TEAC no Brasil
é um produto da

comercial wagner s/a

Demonstração e Assistência Técnica TEAC.

Av. São João, 1588 - loja 3

fofones: 220.9219-2220.9208-220.9309

Caixa Postal 7785 - Tel. COMQUIM - São Paulo

Av. Rio Branco, 156 s/loja 2 grupo 337

Ed. Avenida Central.

A matança de um boi assustou os índios e muitos dê

espera na roça, sem nada a fazer além de jogar bola, brincar de roda e cantar *escravos-de-jó*.

Uma espingarda 36 e um revólver 22 que Peret levava eram os motivos de maior preocupação. Até aquele momento, só uma vez os índios tinham viajado com um branco: foi quando levaram Mário a um acampamento. Mesmo assim, no dia seguinte, quando Mário voltou lá, tinham mudado de local. Mário foi junto com Peret. Como o melhor amigo dos beijos-de-pau, sabia que sua presença era indispensável, mas também preferia ter ido desarmado.

À tarde, chegaram novos índios. *Beirão* tinha ido buscar a mulher, uma menina de seus 12 anos. *Beirão* vinha com três camisas e uma estranha mini-saia que nada escondia. Com êle chegaram *Bom Pai* e *Boa Mãe* (*Bom Pai* era seguramente o melhor pai do mundo), *Playboy* e as filhas de *Bom Pai*. Logo depois dêles, chegou a barca do Nelson, descendo o rio. Traziam uma notícia triste. *Seu Edésio*, que nos servira a última cerveja, morreu naquele mesmo domingo. Estava bêbedo e seu barco virou.

Os mãos-de-obra que iam na barca para os seringais olhavam os índios assustados. Iam substituir uma turma que tinha fugido do seringal. Os trabalhadores são levados devendo a passagem, e ficam sempre devendo mais que o salário ao armazém da firma. Para fugir a essa escravidão oficiosa, fazem uma canoa escondidos e *engõem a lua* (na gíria local, essa é a expressão usada para as fugas noturnas que quase sempre acabam com uma flechada ou com uma bala de 45 de um cangaço do patrão).

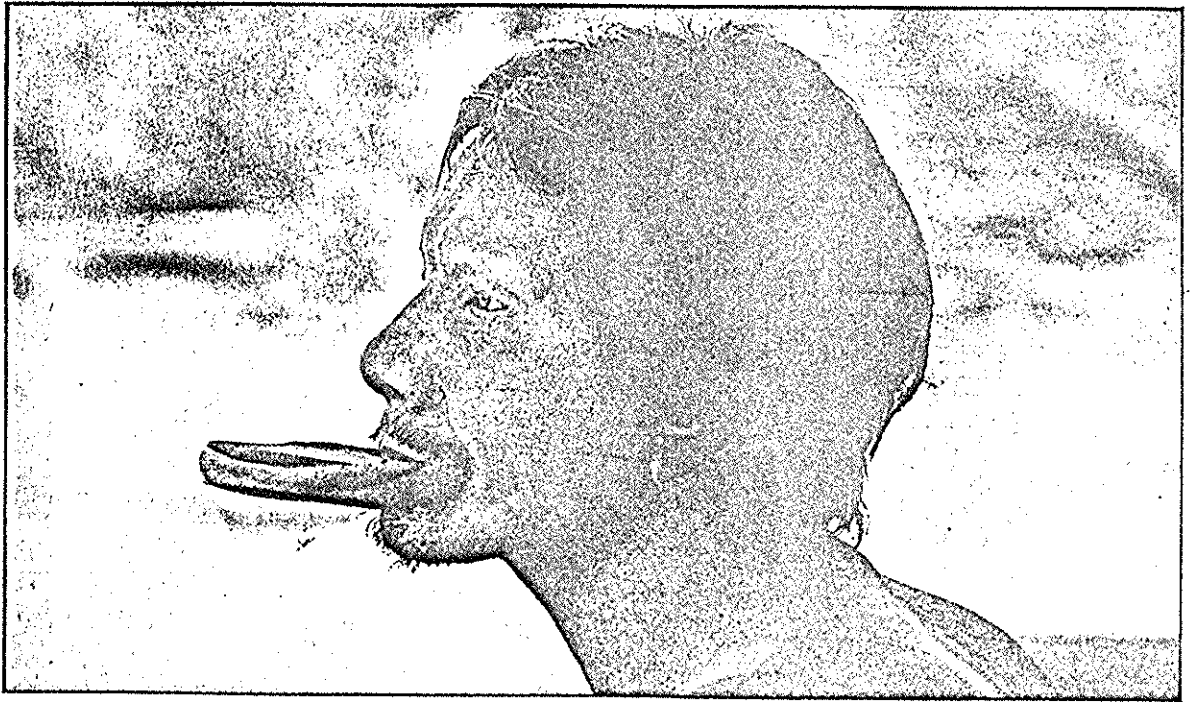
À noite, ganhamos presentes dos beijos: gravatas-borboletas feitas de palha. Como ganhavam coisas inúteis, resolveram oferecer também coisas inúteis. Mas eram bonitinhas.

Peret volta ao pôsto: os índios não prosseguiriam

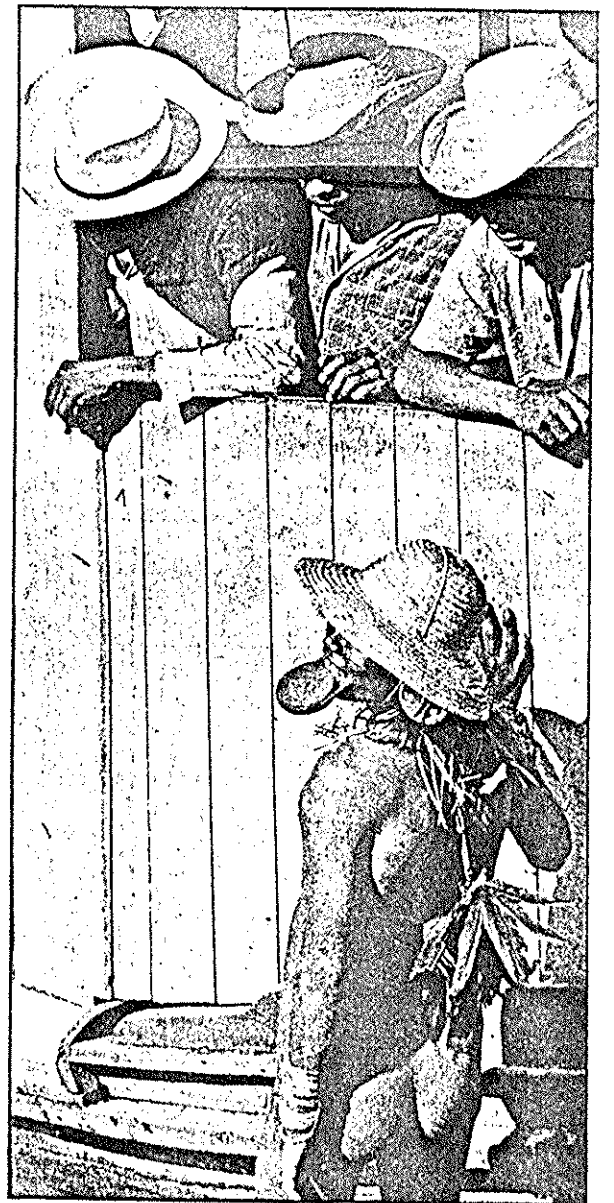
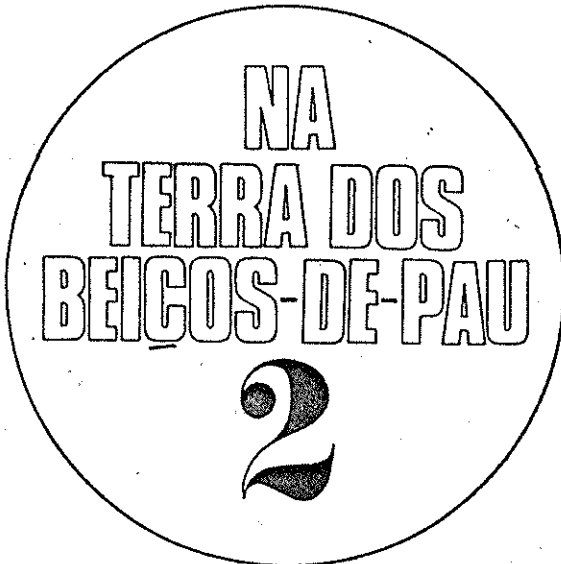
Depois do jantar, nova surpresa. *Cicatriz* cantarolou a melodia dos *escravos-de-jó*. Atendendo a pedidos, passamos a cantar horas seguidas de *zig-zig-zá* tôdas as noites, êles rindo muito quando nos atrapalhávamos e sempre pedindo mais, mais: *Agum, agum zig-zig-zá*. Como última surpresa, Mário e o índio *Moreira* voltaram à fazenda, em busca de mais comida. Mário disse que dormiriam num acampamento para seguir no dia seguinte. Contou que a mulher de *Moreira* reclamara da espingarda de Peret e que êste e *Moreira* trocaram de armas. A paz fôra mantida e a viagem seguia tranqüila. Dormimos bem.

Sábado, 24

O galo, o café. Até as sete ninguém saiu da rêde, aguardando o ataque em represália à incursão de Peret. Não houve ataque, mas lá pelas dez horas, agitação geral: Peret voltava no barco com o pessoal que, como sempre, tinha ido catar palha. Logo depois, o índio *Moreira* chegava a pé para conferir se êle tinha mesmo voltado. Que teria acontecido?



Viúvo, o índio Cano Longo foi obrigado a cortar os cabelos. Agora casou e vai deixá-los crescer.



Um grupo de seringueiros recém-contratados passa de lancha pelo pôsto e surpreende-se com a aparência, os hábitos e o humor dos beijos-de-pau.

00390

FEF
ANO MÊS DIA
69/07/03
CAD. PAG.
193

les foram embora

— Nada. O problema é que senti estar-me precipitando. Dormi com eles no mato pela primeira vez, comi o biju, a carne moqueada, o que já foi muito bom. Hoje de manhã, quando ouvimos o barco, me apontaram a direção daqui. Era uma ordem delicada para voltar, que atendi também delicadamente. Foi melhor assim. Demos o maior passo que podíamos dentro do atual grau de confiança.

Tudo indicava que nem *Moreira* nem *Maharishi* tinham autoridade ou nível hierárquico para levar desconhecidos à maloca. A partir de certo ponto, os guerreiros não deixariam os "diplomatas" passarem com os visitantes. Apesar disso, a tentativa provocou o que chamamos de "Missão *Moreira*", um passo mais a frente. *Moreira* e *Maharishi* explicaram a situação.

"Não se pode queimar etapas" — diz Peret

Para ir à maloca, Peret tinha que ser conhecido de muitos índios e de certas autoridades. Para isso, os dois índios partiriam para uma aldeia, convocando-a para uma visita coletiva ao posto. Essa aldeia se encarregaria de chamar outras três. Depois disso, talvez se pudesse ir à maloca. Voltariam em quatro dias, disseram, confirmando a suposição de que seria de 20 a 25 quilômetros a distância do acampamento à aldeia mais próxima. Mais uma vez, voltávamos à tensão normal e a passar o tempo brincando de roda e jogando bola com os índios.

Durante uma brincadeira, novamente uma índia segurou as gorduras da barriga de um de nós. Desta vez, fez o gesto de flechar, depois o gesto de comer. A simpatia e a pureza dos beijos-de-pau nos faziam esquecer, pelo menos quando estavam conosco, que eram antropófagos. Mas eles mesmos nos despertavam para essa importante informação.

Quê formalmente, cada um numa rede, reunimo-nos com Peret:

— Não se pode queimar etapas. Não é que não se *deve*; não se *pode*. Devemos esperar a "Missão *Moreira*" e nada mais. Está tudo nas mãos deles. A volta deles, entretanto, não implica necessariamente nossa ida à maloca. Pode ser que os chefes ainda não permitam.

A noite, um episódio passional. *Traidor* pintou-se de vermelho e saiu pelo acampamento, tentando namorar a mulher de todo mundo. Na hora do jantar, quando se aproximou do panelão de arroz, levou um empurrão de *Beirão*, outro de *Bom Pai*. *Bom Pai*, logo depois, pediu a Peret para não dormir na choça comum; preferia ficar com a família no depósito de gasolina, evitando maiores conflitos. Peret aceitou, mas explicou que no depósito *Bom Pai* não poderia fazer fogo à noite para se aquecer; caso contrário, iria tudo pelos ares. Mudou-se, com mulher e filhas. Depois de discutir o problema com a mulher por mais de meia hora, voltou. Passou por nós e, na sua linguagem atrapalhada, quase que só mímica, conseguiu dizer: "Dormir — ali — frio — logo — bum — não." Uma inesperada demonstração de bom-senso. O

Índio passou a ter o nome completo de "*Bom Pai*, o Bom-Senso em Beijo-de-Pau". Ele era um personagem apaixonante. Se ele, a mulher ou uma das duas filhas ganhava uma caneca de leite ou um biscoito, a primeira coisa que faziam era oferecer aos outros três. *Bom Pai* era um dos poucos — pela confiança que depositava em suas crianças — a deixá-las brincar com brancos. Um sistema de atribuição de responsabilidades comuns, de relações de amizade, que nos fazia gostar muito de *Bom Pai*.

Antes de dormir, apenas uma pergunta: — Que será que *Moreira* e *Maharishi* estão dizendo de nós?

Domingo, 25

Playboy soltou o arame da nossa "porta" e acordou todo mundo cedo. Era domingo, até o galo dormira até mais tarde. O pessoal da fazenda não trabalha, o rádio não fala com São Paulo e Cuiabá. Os índios nos prometem uma visita a um acampamento de caça ali perto, isso nos anima. Peret lembra-se de Guilherme Wolf, o único piloto que ousa sobrevoar as aldeias, esquivando-se das flechas, e pensamos voar com ele. Lá pelas onze, entretanto, o dia começa a virar, as coisas pioram.

Chega uma barca com uns oito gaúchos, três com suas mulheres. Bombachas, chapéus, botas e chimarrão, diretamente de um livro folclórico para as margens do rio Arinos. Moram ali há muitos anos, mas nunca viram um beijo-de-pau. Souberam que as coisas estavam calmas, resolveram visitá-los. Vinham de Pôrto dos Gaúchos, onde têm terras, compradas na maior parte com capital alemão. (Na Alemanha, quem compra terras no Brasil está auxiliando um país em desenvolvimento e, assim, pode abater 75% do imposto de renda, incentivo maior que o concedido aos nossos empresários para investimentos no Nordeste.)

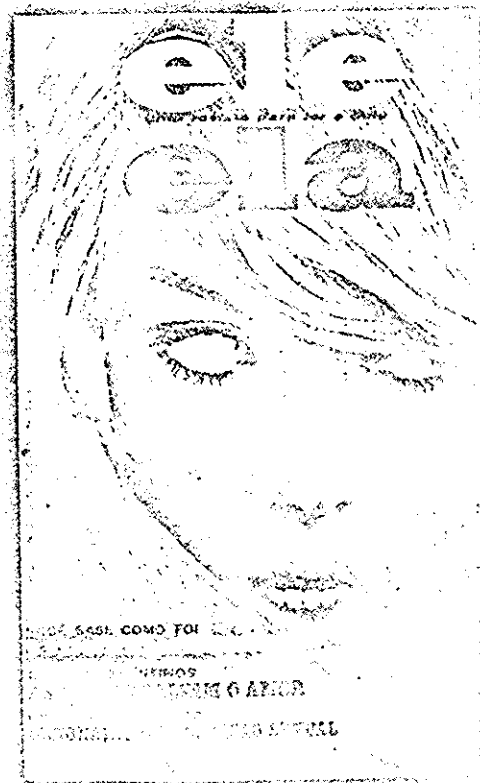
"Na selva não há bois pousados nas árvores"

Trouxeram um boi, um porco, 36 galinhas. Trinta ou quarenta beijos-de-pau estavam na fazenda. Assistiam estupefatos ao desembarque do boi; nunca tinham visto um bicho daquele tamanho, com mugidos formidáveis, chifres, etc. Começou a carnificina. Depois de dez a quinze facadas, saía sangue para todo o lado, o bicho esperneava e urrava, uma incrível demonstração de violência, de poder, de capacidade de intimidação.

Mais de dois terços dos índios foram embora na mesma hora. Os poucos que ficaram assistiram calados à preparação do churrasco. Nenhum deles comeu, alguns brancos também se recusaram. Havia descontentamento geral com os gaúchos. Eles iriam embora depois do almoço e quem ficasse ali é que agüentaria tudo. Um dos gaúchos, quando *Beirão* recusou uma costela, perguntou, ingênuo:

— Eles não comem sal?
— Comem, mas não comem uma coisa que não conhecem.
— Não conhecem um boi? (Espanto)
— Meu caro, na selva não há bois chilreando de galho em galho.

TUDO SOBRE O HOMEM TUDO SOBRE A MULHER



TUDO SOBRE A VIDA A DOIS

LEIA O NÚMERO 2

ele
ela
ESGOTADA
AGUARDE O
Nº 3

DENNER
E
MARIA
STELA

Quarenta e oito horas antes de pedir o desquite, o famoso costureiro declarou: "a nossa separação seria o fim". Conheça como foi o último domingo do casal.



LEIA O NÚMERO 2

ele
ela

ESGOTADA
AGUARDE

NA TERRA DOS BEIGOS-DE-PAU

2

Engoliram a observação e foram embora. Não sem antes repetir que só havia 80 índios e depois de explicar porque viviam no meio do mato:

— O Rio Grande está cheio e nós queremos terras, muitas terras.

Peret mostrava-se abatido. Só ficaram conosco *Beirão*, *Bom Pai*, *Cão Chinelo*, *Caçador*, *Traidor*, *Cavalo Bravo*, os mais chegados. *Galo*, sujeito mal-encarado, comandara a retirada. Aumentou a tensão e não era mero cuidado. Pela primeira vez, homens brancos — brancos, mas não tão civilizados — davam um motivo, justo para eles, para um gesto hostil dos beigos-de-pau. Ofendidos, atemorizados, não se sabia o que poderiam fazer. À noite, não dormimos.

Segunda, 26

Aumentava a expectativa quanto aos resultados da "Missão Moreira". Um encontro entre os que fugiram da matança do boi e a missão poderia pôr tudo por água abaixo, literalmente. A ameaça da gripe, pelo menos, diminuiu. Fiquei bom. Gripados, por enquanto, só o *Traidor* e o *Cicatriz*, mas este parece recuperar-se com facilidade.

A espera da missão, com carne bastante, não houve nem ao menos caçada ou pescaria, nem se pensou sair para catar palha. Um dia passado fugindo do sol, desenvolvendo técnicas contra mosquitos, dormindo. O dia mais tedioso, inclusive para os índios, ainda traumatizados e começando a contrair a gripe.

Têrça, 27

Esperava-se a barca de Cândido, passando rio acima, mas se ela não apareceu de manhã, não viria mais à tarde. Saímos todos para visitar o prometido acampamento de caça. Ficava às margens do rio Tefé de Sousa. Uma meia-água de metro e meio de altura por três de comprimento. Ali perto, um tronco sobre o rio, um cipó para as pessoas se segurarem, numa surpreendente ousadia arquitetônica de nossos amigos, acostumados a atravessar todos os riachos a vau. Menos por necessidade, mais por passar o tempo, uns tantos saíram para caçar, e o *Grande Caçador* confirmou o apelido, localizando aves que mal víamos com binóculo.

Voltávamos do acampamento e paramos numa prainha. (O rio mal começava a descer, as chuvas terminaram em fins de abril e só voitarão em setembro.) Integração absoluta, os índios nos pediram para tirar a roupa e, todos nus, tomamos banho, jogamos bola, pescamos. Quando partíamos para a sede, surgiu uma canoazinha solitária, com um muito mais solitário espanhol ao remo que também servia de leme.

— Ô, onde você vai?

— Estou descendo, sou caçador.

Deu-se o impasse. Com esta frase, o espanhol confessou as seguintes infrações:

1) Invasão de área interdita para pacifi-

cação; 2) Ser caçador, já que a caça está proibida em todo território nacional, ainda mais em reserva indígena. Além disso, pensamos todos, era tipo do sujeito que, ao ver um índio, atiraria. Peret fez questão de se mostrar zangado e deu o prazo de três dias para ele deixar a área. O prazo não foi grande porque em menos tempo era impossível sair da região.

— Fiz de propósito para ele espalhar que tem um chato por aqui. Na sede, Mário e Pará tinham capturado um veado pequeno. O bicho tentara atravessar o rio, eles o pegaram a laço e trouxeram vivo. Debateu-se muito qual seria sua sorte. Finalmente, por maioria, decidiu-se soltar o bicho. Se os índios quisessem comê-lo, eles que se virassem para matá-lo. Era, aparentemente, uma chance igual.

Na prática, o veado solto não chegou a dar dez passos, correndo. *Grande Caçador*, fazendo jus mais uma vez ao nome, puxando o arco a meia fôrça, a uns 25 metros, atravessou o bicho no coração. O impacto da flecha paralisando cinematograficamente o animal foi sentido em todos os tóraxes brancos que acompanhavam a rápida perseguição. Para surpresa geral, os índios disseram que não comeriam aquele bicho, "era catiguento".

— Barriga cheia, tôda goiaba tem bicho

— proferiu *Seu Zé*. Fim de tarde, a maior goleada das margens do Arinos: 10 x 2. À noite, *escravos-de-jó*.

Os beigos-de-pau sentem saudade dos Escravos de Jó

Ouvíamos a barca subir o rio, muito longe. Já havíamos decidido partir de volta na manhã seguinte, quando ela chegasse. A "Missão Moreira" parecia ter fracassado e as perspectivas de ida à maloca eram escassas. Em menos de vinte dias, em um mês, nada feito e tínhamos nossos prazos. Como ouvíamos o barulho, pensávamos que ela chegaria ainda à noite, pousando e partindo na manhã seguinte. Mas até a meia-noite não chegou e dormimos, ouvindo — ou sonhando ouvir — o "dedo para baixo, movendo-se em linha reta, ttttttttttt".

Quarta, 28

A barca chegou às oito; parara, na véspera, a 20 quilômetros dali. Nós nos assustamos, pois ouvíamos seu barulho a noite inteira. A explicação era fácil: o rio não passava de um *canyon* vegetal, os sons correndo pelas muralhas de 40 a 50 metros. Em compensação, dentro da mata, não se ouvia um tiro a 200 metros. Era aniversário de Francisquinha, filha de *Seu Zé*. Para surpresa de todos, ela e o João do Rádio ficaram noivos. Tomamos o último mingau — D. Edna caprichou — e começamos a arrumar as coisas no barco. Quando viram que íamos embora, os índios nos cercaram e perguntavam:

— *Aru, aru?*

Explicamos que sim, *aru*. Íamos embora. Perguntavam se voltaríamos, dissemos que não. De dentro da barca, indo embora, ainda ouvíamos as vozes de *Bom Pai*, *Beirão*, *Cri-Cri*, perguntando com tristeza: — Zig-zig-zá?